



ORFEU E O VIAJANTE EM *MARINHEIRO DE PRIMEIRA VIAGEM*, DE OSMAN LINS

ORPHEUS AND THE VOYAGER IN *MARINHEIRO DE PRIMEIRA VIAGEM*, BY OSMAN LINS

RAMOS, Darcy Attanasio T.¹

RESUMO: O escritor Osman Lins, pernambucano de Vitória de Santo Antão, em 1961, fez sua primeira viagem à Europa como bolsista da Alliance Française. Durante sua permanência, além de estudar francês e estar vinculado ao jornal *O Estado de S. Paulo*, como colaborador, ele traça um plano cultural para explorar inteligentemente o grande acervo cultural que o Velho Continente abriga. Após um período de seis meses, ele retorna ao Brasil completamente envolvido por tudo o que viu e ouviu em suas visitas culturais, e decide compartilhar suas memórias com os leitores. Escreve então *Marinheiro de primeira viagem*, que vem a público em 1963. O que nos chama a atenção não são somente as exposições da experiência da viagem em narrativas curtas e caracterizadas por um diálogo entre o real e as obras de arte pictóricas, literárias, filosóficas, ou vinculadas a notícias do cotidiano, entre outros recursos, mas um outro aspecto do trabalho: o modo de ligação entre os relatos. A relação entre eles não se estabelece pela linearidade narrativa, mas pela forma circular em que o livro foi inscrito. Além dessa estrutura de alcance mítico, há a referência ao mito de Orfeu, que assume papel estratégico em *Marinheiro de primeira viagem*, imprimindo-lhe uma poética dominante, em que forma e conteúdo interpenetram-se.

PALAVRAS-CHAVE: Osman Lins, viagem, Orfeu.

ABSTRACT: The writer Osman Lins, from Vitória de Santo Antão, Pernambuco, Brazil went to Europe for the first time in 1961, on a scholarship from Alliance Française. During his stay there, besides studying French and being a contributor for *O Estado de S. Paulo*, he made a plan to exploit, in an intelligent way, the great cultural patrimony of the Old Continent. After a period of six months, he returned to Brazil completely engaged by everything he had seen and heard there and decided to share his experiences with his readers. Thus he wrote *Marinheiro de primeira viagem*, published in 1963. What calls our attention are not only the reports of his experiences from his trip written in short narratives and marked by a dialogue between reality and visual, literary, philosophical works of art, linked to day-to-day news, among other stylistic resources, but another aspect of his work: the way he links the stories. Their relation between them is not linear, but cyclical. Besides this mythical structure there is a reference to the myth of Orpheus that assumes a strategic role in *Marinheiro de primeira viagem*, giving it an overarching poetic tone in which form and content intertwine.

KEY-WORDS: Osman Lins, trip, Orpheus.

Osman Lins (1924-78) nasceu e viveu parte de sua vida na cidade de Vitória de Santo Antão, no estado de Pernambuco. Lá não havia biblioteca, uma livraria razoável que fosse, uma universidade...

¹ Mestre em Letras na Área de Teoria Literária e Literatura Comparada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: datanazio@uol.com.br



A única novidade que lá chegava eram os filmes alemães e franceses, além dos que vinham dos Estados Unidos. O cinema, com toda a agitação que trazia à vida da cidade, era então para ele, “uma porta de acesso ao mundo” (LINS, 1979, p. 103). O movimento social e cultural vinha também da igreja, com as missas de domingo e “as comemorações marianas, realizadas durante todo o mês de maio” (id., *ibid.*, p. 101), assim como dos clubes esportivos em que jogou futebol. Também contribuía para o pouco de dinamismo que havia na cidade, algumas reuniões dançantes que essas associações promoviam, além dos bailes anuais de Carnaval. Fora isso, nada de extraordinário acontecia naquela cidade quase sem perspectivas e sem espaço em que pudesse dar vazão a seus anseios de ordem intelectual, que se manifestaram desde muito cedo, com a decisão, de acordo com sua vocação, de dedicar-se de corpo inteiro às Letras.

Diante do fraco quadro de oportunidades que sua cidade natal oferecia, só lhe restava viajar, pois seu espírito inquiridor e determinado não se contentava com nenhum tipo de cerceamento de ordem geográfica ou intelectual. Impulsionado pelo espírito de *recherche*, tinha anseios de “ganhar” o mundo, o que ocorreu pela primeira vez quando contava 16 anos de idade, em 1941, porém seu interesse em viajar tinha apenas começado.

Com esse anseio, ele parte para a cidade de Recife a fim de estudar e trabalhar. Carregava poucos pertences, mas entre estes, como comenta Igel (1988, p. 33), estavam seus dois contos: “Menino mau” e “Fantasmas”. Em sua bagagem interior, a grande convicção de que se tornaria um escritor, a ponto de transformar a batalha com a palavra escrita em sua “própria razão de viver” (LINS, 1979, p. 135), sua salvação, seu esquadro e seu equilíbrio (id., *ibid.*, p. 153), porque para ele não havia nada que o motivasse mais ou que justificasse melhor sua passagem pelo mundo (id., *ibid.*, p. 189-90).

Após ingressar, em 1944, na Faculdade de Ciências Econômicas, faz também cursos de dramaturgia e ao mesmo tempo exerce uma atividade bancária, que lhe garante a subsistência. Mas o trabalho no banco não lhe agradava, fazendo com que buscasse refúgio e compensação na carreira literária que aos poucos foi construindo. Manteve-se empenhado no próprio aprimoramento como ficcionista e muito ligado às atividades culturais da cidade, comparecendo para divulgar seu trabalho literário aonde fosse solicitado.

Osman Lins tinha grande atração por conhecer o Velho Continente, e lá principalmente a França. O ano de 1960 foi o último passado na cidade de Recife. Após algumas tentativas frustradas, recebeu a notícia de que ganhara uma bolsa de estudos da Alliance Française, com a qual iria para Paris, onde teve a oportunidade de ficar por seis meses. Essa



complementaridade de vivências culturais era-lhe necessária como intelectual. Consciente disso, ele afirmava precisar do encontro com a civilização européia, e este contato seria fundamental para sua formação de escritor, como ele declara em uma das cartas às autoridades competentes, quando intentava atingir seu objetivo de conseguir viajar à Europa custeado por uma instituição.

Com a subsistência assegurada, em fins de janeiro de 1961, ele partiu do porto de Recife para a França. E, alguns dias depois, em 11/02/61, um sábado de Carnaval – revela em seu diário de bordo, guardado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) –, sente “certa saudade do navio, dos *maîtres*, do comandante Antoine Bertin”, de quem não quer esquecer-se.

Durante o período em que permaneceu na Europa, além de estudar francês, foi também colaborador do jornal *O Estado de S. Paulo*, tendo nessa função realizado entrevistas com vários intelectuais como: Alain Robbe-Grillet, Jean-Louis Barrault, Vintila Horia e Michel Butor, algumas delas publicadas no Suplemento Literário. Os encontros com esses intelectuais e particularidades das entrevistas estão registrados em *Marinheiro de primeira viagem*.

Antes de partir do Brasil, Osman Lins havia elaborado um projeto cultural minucioso, para aproveitar ao máximo essa sua primeira viagem à Europa e absorver tudo o que ela teria a oferecer a um viajante profundamente interessado pelo mundo e atento ao que pudesse encontrar. As viagens, para ele, não representavam um mecanismo para fugir ao tédio ou para buscar “mudanças de ares”, eram, sim, oportunidade de aumentar os conhecimentos e de “ampliar os horizontes mentais” (LINS, 1979, p. 38).

Por onde passou, explorou intensamente o acervo cultural disponível, visitando cidades historicamente importantes, museus, livrarias, e assistindo a espetáculos ou desfrutando de momentos calmos e serenos no Jardim de Luxemburgo em Paris. Osman Lins comenta: “quem viveu essa experiência pode saber o que ela significa. Visitar a Europa não é apenas sair de casa. Mergulhamos, ali, nas camadas profundas de civilização.” (id., *ibid.*, p. 39). A viagem deu-lhe a oportunidade de aproximação com um número grande de objetos artísticos, mas, em muitas ocasiões, ele foi em busca de matérias definidas de antemão, pois estava preparado para o que ia encontrar, como ele revela:

[...] minha temporada na Europa foi muito importante, porque eu a levei muito a sério, estabeleci programas muito rígidos de visitas a museus, concertos, de visitas a determinadas cidades, fui a Arezzo só para ver certos murais de pedra, fiz uma viagem rigorosa do ponto de vista cultural. (id., *ibid.*, p. 212).



Entre uma viagem e outra à Itália, Bélgica, Holanda, Espanha, Inglaterra, Suíça, ele pôde encontrar em seu quarto da Maison de l'Alliance Française, situado no Boulevard Raspail, e depois em Montparnasse, um porto seguro. Ele comenta: “É curioso como pode, uma cidade estranha, tornar-se, em pouco tempo, tão familiar” (NASCIMENTO, 1963, p. 147).

Ao fim do período programado, porém, como ele lembra, em entrevista concedida: “numa manhã bem semelhante àquela em que deixara o Brasil, disse adeus àquela cidade à qual chegara já no fim do Inverno, cuja Primavera me encantara, e que agora eu via pela última vez, sob uma pesada chuva de verão” (NASCIMENTO, 1963, p. 147). Mas, após deixar a França, de acordo com Nitrini (2000, p. 211) ele vai para Lisboa, seu último ponto de contato com a Europa, e de lá parte para Recife de avião.

Algum tempo depois, ele não conseguia retomar suas atividades narrativas, pois via-se envolvido pelas lembranças da viagem encantatória, que não o abandonavam. Em função dessa turbulência interior, decidiu registrar suas memórias das experiências européias e escreveu *Marinheiro de primeira viagem*. A elaborada construção de sua narrativa em fragmentos possibilita ao leitor acompanhar tanto o diálogo cultural do autor com a tradição, quanto sua experiência singular de viajante, em passagens marcadas por intensa poeticidade. Os registros transcendem os momentos reais, não obedecem a uma ordem cronológica ou linear. Um narrador descreve o que um “ele” viveu, e, com esse recurso, Osman Lins consegue distanciamento dos relatos e dá um formato ficcional às próprias vivências. É o autor quem explica: “[...] para evitar a incômoda intromissão de mim mesmo ante meus próprios olhos, coloquei a narração da viagem na terceira pessoa. O que me trouxe ainda outras vantagens: quebrar meu pudor, permitir-me falar um pouco mais à vontade de coisas muito íntimas [...]” (NASCIMENTO, 1963, p. 147-8).

Marinheiro de primeira viagem vem a público em 1963 e é composto por 202 narrativas. À exceção da primeira delas, todas as outras apresentam um título. Convencionamos chamar de fragmentos, e não somente narrativas, com o objetivo de imprimir a idéia de não linearidade, que é provocada por interrupções e retomadas das lembranças que são revividas com base em um diálogo com obras pictóricas, literárias, filosóficas, ou vinculadas a notícias do cotidiano, entre outros recursos.

Ao escrever *Marinheiro de primeira viagem*, Osman Lins teve o cuidado de registrar suas recordações de modo que o leitor não viesse a encontrar marcas do tempo, nem os lugares-comuns com descrições pormenorizadas que numa viagem ele pudesse identificar. Ele faz questão de afirmar que seus relatos tratam do fugaz, do que não se repete:



“Tomei outras providências. Eliminei do livro, *a priori*, a descrição de tudo que o possível leitor, acaso viaje, venha a descobrir. Ou possa ler em manuais de turismo, nas enciclopédias ou em compêndios de Geografia. Meu livro não trata do permanente: é do transitório que se ocupa. Do único. Do que não virá a repetir-se. Não iria cometer a impertinente asneira de dizer como é a Torre Eiffel.” (id., *ibid.*, p. 148).

O interesse declarado pelo autor era que o possível leitor o procurasse com a expectativa de ler uma obra literária, e, sobre o tom de seu livro, Osman Lins diz que não queria parecer melancólico, nem imprimir “ar de lamentação”. Manifesta nessa oportunidade como gostaria que seu trabalho fosse recebido:

“Não é meu desejo que o possível leitor de *Marinheiro de primeira viagem* venha a procurá-lo com a ilusão de viajar através de suas páginas. Desejaria que ele abrisse o livro com uma expectativa de outra natureza, a meu ver legítima: a de ler um livro. Pois é isto, afinal, o que pretende ser o meu trabalho: um livro. Uma obra literária.” “Se ele quisesse ser, antes de tudo, um relato de viagem, eu não teria omitido, ao escrevê-lo, fatos em si mesmos ‘importantes’ como a visita à cidade de *Rouen*. [...] “Falo de corridas de touros, de outras festividades públicas, de Veneza, de Córdoba e Sorrento, de Londres, mas também de gente que apenas entrevi, com quem cruzei numa rua, com quem viajei num trem, desde que, literariamente, fui estimulado.” (NASCIMENTO, 1963, p. 148).

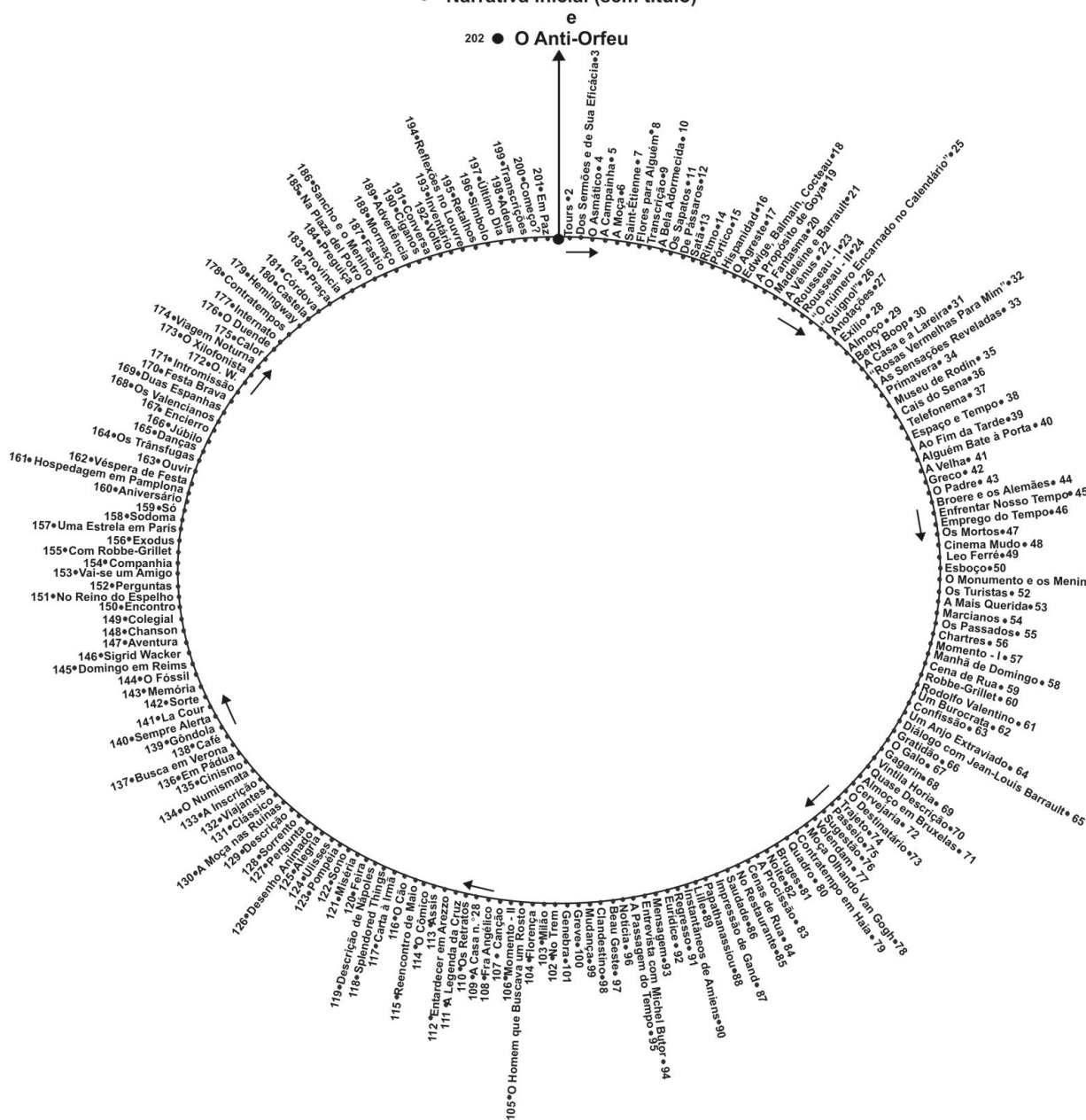
Ele foi um autor que se recusou a adotar “fórmulas gastas e fáceis” e procurou explorar “novos campos” (LINS, 1979, p. 257), como se evidencia em sua adoção de uma forma nada convencional aplicada aos registros em *Marinheiro de primeira viagem*. Declaradamente interessado nas figuras geométricas, Osman Lins desenvolveu, com base numa delas, o círculo, que é uma forma de alcance mítico, uma estratégia muito peculiar para organizar o caos de suas lembranças. Ele dispôs no *continuum* circular, lado a lado, cada lembrança narrada, e uniu o princípio ao fim. Como o próprio autor declarou: “por pretender ser, antes de tudo, literatura, é que o livro obedece a uma construção, a um plano. Se as primeiras impressões se fundem com as últimas, é para dar a impressão de um círculo, [...]” (NASCIMENTO, 1963, p. 148).

Com o objetivo de demonstrar a estrutura geométrica que sustenta os relatos e tornar imagética a arquitetura de *Marinheiro de primeira viagem*, será apresentado, mais adiante, o gráfico onde se podem visualizar todos os títulos das narrativas, na sequência em que elas são encontradas no livro, com o destaque para a ligação entre a primeira (narrativa sem título) e a última (“O Anti-Orfeu”), como se confere textualmente:

Narrativa inicial (sem título)



1 • Narrativa inicial (sem título)



de
io.
es

lo
de

lo.
de
s.
ão
lo

Assim como faz o mito, que, ao unir fragmentos aparentemente isolados, monta uma história, *Marinheiro de primeira viagem* revela-se um artesanato literário que convida o leitor a uma experiência estética e interpretativa instigante. Com uma técnica artesanal, Osman Lins narra suas lembranças e reconstrói os momentos sentidos e interpretados por ele.

Além da marca mítica que o círculo evoca, Osman Lins faz referências nominais ao mito de Orfeu e à sua amada Eurídice, em vários momentos, ao associar suas lembranças européias a esses personagens lendários. No “jogo” do texto, ele produz ecos míticos: o que fortalece a relação entre a forma circular e o conteúdo de alguns relatos que retomam essa lendária narrativa.

Como relata Brandão (2000, p. 196), se partirmos de um ponto, a Grécia antiga, local em que o mito de Orfeu nasce, a imagem desse poeta já está associada à do viajante que perambula pelo mundo e visita vários povos com o objetivo de instruir-se. Seu nome está ligado ao conhecimento e à poesia, bem como à música, recursos que, aliados à sua divina voz, encantavam a todos os que o ouviam. Segundo a lenda, ele provocava uma sedução tão avassaladora que a roda de Exíon deixou de girar, o bloco de pedra de Sísifo parou de rolar montanha abaixo, e Tântalo, que fora condenado por Zeus a sentir fome e sede, chegou até a esquecê-las, tal o fascínio de Orfeu.

O poeta amava a ninfa Eurídice e eles iam casar-se, mas, no dia do casamento, o apicultor Aristeu, atraído pela beleza da noiva, perseguiu-a e, na fuga, Eurídice “pisou numa serpente, que a picou” (id., ibid., p. 196), vindo a causar-lhe a morte. Orfeu fica inconformado e decide descer ao Hades, o mundo dos mortos, para buscá-la.

Os deuses do mundo subterrâneo, Plutão e Perséfone, ficaram comovidos com o grande amor de Orfeu por Eurídice. Sabedores do quanto ele era venerado por seus dotes poéticos, decidiram permitir que ele fosse resgatar a esposa. Uma condição, todavia, foi imposta: ele deveria ir à frente, seguido por ela, mas, enquanto estivessem no mundo dos mortos, ele “*não poderia olhar para trás*” (id., ibid., p. 197). Ele aceita inicialmente a regra, mas, quando estavam quase para sair do mundo das trevas, Orfeu foi tocado pela dúvida de ter sido enganado pelos deuses e “*olhou para trás*” (id., ibid., p. 197), desobedecendo a ordem “dos soberanos” (id., ibid., p. 197). No mesmo instante, ele viu Eurídice desaparecer. Novamente, ele tentou regressar, mas o barqueiro Caronte, que tinha por incumbência transportar as almas em sua barca pelos rios do Hades, não deu a autorização para o retorno.

Em consequência da desilusão, Orfeu afastou-se de todas as mulheres. Por causa disso, as Mênades, inconformadas com a fidelidade que o poeta dedicava à esposa morta, mataram-no e “fizeram-no em pedaços” (id., ibid., p. 197), atirando-os ao rio Hebro. Segundo conta a lenda, sua cabeça rolava rio abaixo, sempre chamando “Eurídice, Eurídice...”

Diante dessa trágica situação, os deuses interferem mandando uma grande calamidade, que só seria extinta quando a cabeça de Orfeu fosse resgatada. Como destaca Brandão (2000, p. 197), finalmente um pescador a encontra no rio Meles, na Jônia, onde foi, em seguida, erguido um templo em homenagem ao poeta. A esse local, o acesso das mulheres era proibido. Dessa forma, encerra-se o ciclo de desgraças enviadas do Olimpo.

A história de Orfeu é rica em detalhes sobre a alma humana, consolida-se com o poeta Virgílio (70-19 a.C.) e, desde então, está sempre renascendo das formas mais inesperadas. Em todos os tempos, escritores, poetas, pintores recorreram a ele, para traduzir suas mensagens. O horizonte de expectativas que seu nome evoca parece não se esgotar.

Quando identificamos o mito de Orfeu em *Marinheiro de primeira viagem*, nossa intenção não é ressaltar o que há de subjetivo em sua leitura, mas sim mostrar que esse é um tema vigoroso na experiência literária do livro. Além de a referência ao poeta-cantor lendário vir impregnada da bagagem cultural e memorial que seu nome carrega, porque, ao captar-se a relação com o mito, nesse livro de Osman Lins, vemos acontecer o fenômeno literário do casamento perfeito entre a forma e o conteúdo. Dito de outra maneira, essa relação com o mito intensifica-se tanto pela forma circular em que as lembranças estão organizadas, como pelas alusões explícitas e nominais que surgem ao longo das narrativas, que, por isso, perdem o aspecto de aparente atomização e isolamento e passam a formar um conjunto coeso.

Em seguida, daremos relevância aos trechos que se referem ao mito de Orfeu nas passagens do livro que ora comentamos: (a) “Noite” (LINS, 1980, p. 56-7), na qual há destaque para o Estige, um dos rios que era preciso atravessar para chegar ao Hades, o reino subterrâneo, bem como é feita menção ao “barqueiro infernal”, Caronte, que transportava as almas para o mundo subterrâneo; (b) em “Eurídice” (id., ibid., p. 66) é o nome da amada do cantor-poeta mítico que é posto em evidência; (c) “Clássico” (id., ibid., p. 93-4), em que o nome do poeta Virgílio aparece associado à entrada do Hades, um fato significativo, pois a poesia do mantuano é rica em detalhes da história de Eurídice; (d) em “Perguntas” (id., ibid., p. 107) há novamente referência a Eurídice; (e) em “Exodus” (id., ibid., p. 110-1) o nome de Eurídice torna a surgir e, finalmente, em (f) “O Anti-Orfeu” (id., ibid., p. 142-4) a ligação do episódio da saída de Orfeu do Hades e a partida do viajante do aeroporto europeu é explícita.

Exemplificaremos a seguir cada item destacado:

“Noite”

As imensas bandeiras estalavam. Luzes amarelas iluminavam as numerosas pontes, os canais, as casas mais antigas, nas quais não se entrevia um bicho, um ser humano. Passavam botes carregados de excursionistas: banhados pela luz amarela, pareciam mortos, transidos de pavor, atravessando o *Estige*. A voz do *barqueiro infernal* ecoava entre as escuras paredes dos canais. De 15 em 15

minutos, soavam os carrilhões da catedral. Isto enervava, aquela advertência contínua sobre o fugir do tempo. (LINS, 1980, p. 56, grifo nosso).

“Eurídice”

Era a amiga da infância. Tinha os olhos negros e vivazes. Gostava de mangas. Leu, com ela, sentados os dois no mesmo sofá de vinhático, na sala da bisavó, um romance em quase duzentos folhetins: *Sônia ou o Calvário do povo russo*. Choravam, os dois, com as desventuras de Sônia, expulsa de casa, sob o inclemente inverno de São Petersburgo. Por que motivo, nestes últimos dias, lembra seguidamente seus olhos inquietos, o sofá de vinhático, a sala da bisavó e os percalços de Sônia, heroína russa? (id., ibid., p. 66, grifo do autor).

“Clássico”

Incansável, pergunto ainda a um fabricante de cestos onde é o túmulo do poeta entre todos, aquele que em passados modulou cantos agrestes ao som de uma delgada charamela. O bondoso cesteiro, chamando um menino, fez com que este me acompanhasse. O menino pediu-me cigarros, não os tinha, dei-lhe uma propina. Ele agradeceu e deixa-me sozinho. Eis então que se aproxima um velho jardineiro e pergunta se quero ver a tumba de Virgílio.

- Sim.

- Pois não é aqui, senhor, é mais em cima.

Subi. No estreito caminho, oscilavam flores não desabrochadas. Não havia marcas de passos, a impressão que se tinha era a de um caminho pouco freqüentado. Passei pelo túmulo de Leopardi e então me vi diante da morada de *Virgílio*. Uma escavação à direita, lembrava a entrada do Hades. (id., ibid., p. 94, grifo nosso).

“Perguntas”

De onde vem esta convicção de que *Eurídice* encontra-se na Espanha, no Colégio Mayor de Guadalupe? Contaram-lhe isto? Acaso sonhou? Foi notícia vinda em algum cartão-postal, lido distraidamente, jogado numa gaveta ou guardado entre as páginas de um livro? *Que símbolo se cristaliza em torno desta amiga de nome legendário?* Não é certo que há mais de vinte e cinco anos a perdeu de vista e *que Eurídice, assim como o seu tempo, de que foi o signo, está morta?* (id., ibid., p. 107, grifo nosso).

“Exodus”

Mas não é apenas a fuga dos amigos, das amigas, que provoca, em mim, a sensação de estar sobrando, de que terminou em Paris meu tempo áureo, de que devo ir-me quanto antes. A temperatura sobe e a cidade entra em férias. A maioria dos teatros já fechou, a lavanderia de que fui cliente pôs um cartaz na vitrina, anunciando a *fermeture annuelle*, fecham-se cafés, cinemas, restaurantes, bares. A cidade torna-se um deserto. Nesse deserto, alguém me telefona. Não estava no Hotel, quando o telefone chamou. E a pessoa não deixou seu número. Disse-lhe a gerente que *Monsieur* estava *sur le point d'aller en Espagne*. *Terá sido Eurídice?* Não voltou a me telefonar.” (id., ibid., p. 110-1, grifo do autor e nosso).

“O Anti-Orfeu”

No aeroporto, ressoará a pausada e neutra advertência dos alto-falantes. Haverá um movimento coletivo de gente que se ergue, despede-se, converge. Às suas costas, soará outro chamado, pronunciarão seu nome, voz de mulher. Não a reconhecerá. Ela estará sorrindo, um riso de quem tem bom coração.

- *Eurídice?*

Responderá:

- Não. Você bem sabe que *Eurídice morreu há muito tempo*. A viagem acabou. A infância acabou. *Eurídice está morta*. Eu sou o tempo futuro, a vida por viver. [...]
 - Se você é a vida por viver, por que está aqui, de onde parto?
 - Não estou aqui. Apenas, me anuncio. Espero-o do outro lado. Quero que prepare o coração.
 - Vou reencontrá-la?
 - Vai encontrar-me.
 - Como?
 - Será simples, e também inevitável. Assim como encontrar o dia de amanhã.
- (LINS, 1980, p. 143, grifo nosso).

Em seguida, o viajante percebe que ainda estava, porém, carregando muito material. Ele não tenta, como Orfeu, trazer de volta o passado para revivê-lo. Ele passa por um rito, que é o da catarse, realizando o despojamento:

Sentindo-se, de súbito, atado a uma porção de coisas mortas, tira do bolso um maço de postais e de retratos, oferece a um menino uma vista da Holanda. E também um retrato de mulher, e fotografias de praças em Londres e Florença, canais, pontes, castelos e praias, cerimônias públicas, enche as mãos das crianças de coisas e pessoas a que ainda estava preso, sente-se mais leve, e o milagre é que tudo revivia ao contato daquelas mãos estranhas. [...] Apanhou outra vez sua valise e de bolsos vazios avançou. Em que direção, ou no rumo de quem? Ecoavam os megafones, os possantes motores de avião roncavam. Em seguida. Sem olhar para trás, de coração confiante. A assoviar. Desafinadamente. (id., *ibid.*, p. 143-4).

Em *Marinheiro de primeira viagem*, o viajante percorreu terras estrangeiras como Orfeu, que perambulou pelo mundo em busca de conhecimentos. Ele mostrou-se disposto a viver *in loco* o passado cultural tão bem guardado e representado pelo Velho Continente. Ao partir de lá, porém, revela-se oposto a Orfeu, um “Anti-Orfeu”. Ele deixa o aeroporto sem apegar-se ao passado, diferentemente do que havia acontecido ao antigo cantor-poeta, que em sua descida ao Hades perdeu a sua Eurídice e também se perdeu “como indivíduo, como músico e como cantor” (BRANDÃO, 2000, p. 200).

Ao mesmo tempo, podemos entender que o viajante enfrentou o reino dos mortos. Neste caso, uma descida de iniciação nessa sua jornada como marinheiro de primeira viagem, ao continente europeu. Mas também realizou o movimento de retorno, a subida, quando deixou o aeroporto, sem tentar reter o passado.

Talvez seja desnecessário afirmar que não pretendemos, de maneira alguma, esgotar o tema, muito pelo contrário, a intenção é contribuir para que haja maior divulgação desse livro, *Marinheiro de primeira viagem*, dada a sua importância estética no conjunto dos trabalhos de Osman Lins, que, fiel a seus princípios de escritor, não procurou “facilitar” a leitura dessa obra. Ao contrário, ele dignificou o leitor, ao disponibilizar-lhe um trabalho de alto valor estético e intelectual.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, J. de S. *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis:Vozes, 2000, 2 vols.

IGEL, R. *Osman Lins: uma biografia literária*. São Paulo: T.ª Queiroz; [Brasília, DF], 1988.

LINS, O. *Marinheiro de primeira viagem*. São Paulo: Summus, 1980.

_____. *Evangelho na taba: Outros problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979.

NASCIMENTO, E. [As viagens do romancista Osman Lins]. In: LINS, O. *Marinheiro de primeira viagem*. São Paulo: Summus, 1980, p. 147-8. Anexo [Publicado originalmente em *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 26/08/1963].

NITRINI, S. (org.). *Aquém e além mar: Relações culturais Brasil e França*. São Paulo: Hucitec, 2000.